

# Exército pode invadir área indígena

*Fracassa em Dourados negociação com índios terena, que exigem libertação de cacique para soltar reféns e desobstruir estrada*

**D**ourados (MS) — A Procuradoria da República admitiu que poderá requisitar tropas do Exército para libertar os cinco índios que são mantidos como reféns desde quarta-feira na aldeia indígena de Dourados, no Mato Grosso do Sul, e liberar a rodovia MS-156. A estrada continua bloqueada, em protesto contra a prisão do cacique terena Ramão Machado da Silva, da aldeia Jaguapiru, acusado de tentativa de assassinato, ameaças de morte e vilipêndio das tradições indígenas. Os líderes indígenas exigem a libertação do cacique para soltar os reféns e desobstruir a estrada.

No final da tarde, a juíza Janete Lima Miguel, da Justiça Federal em Dourados, negou pedido feito pelo advogado da Fundação Nacional do Índio (Funai), de revogação da prisão preventiva do líder indígena, que continuará preso na Delegacia da Polícia Federal em Dourados. A

Procuradoria da República também manifestou-se contrária à revogação da preventiva.

Segundo a procuradora Maria Cristina Manella Cordeiro, que, juntamente com o procurador Paulo Gomes da Silva, participou de longas negociações com os índios e representantes da Funai, a situação caminhava para um impasse no final da tarde. Os manifestantes continuavam irredutíveis em suas exigências e a alternativa de convocar o Exército começou a ser estudada devido ao reduzido efetivo da PF na região.

Na reserva, distante cinco km de Dourados, o clima é de revolta com a prisão de Romão e o espancamento sofrido pelos índios Almiros Martins Machado e Gelson de Souza Silva, na tarde de quinta-feira, quando estavam no posto da Funai em Dourados. Eles foram cercados por vários dissidentes do grupo de Ramão e agredidos. Ambos continuam internados

Teresa Maia/Diário de Pernambuco



*Enterro de Chicão: tribos de diversos estados do Nordeste participaram das últimas homenagens ao cacique*

no Hospital Evangélico de Dourados, mas não correm risco de vida.

Os líderes revoltados negaram que os cinco caciques presos, apontados como autores das denúncias

que levaram a Justiça Federal a decretar a prisão preventiva de Ramão da Silva, estejam sendo maltratados. A procuradora Maria Cordeiro disse ter informações de parentes dos re-

féns de que eles apanharam muito e continuam sob ameaças. O refém Davi Bachicuri negou que o grupo esteja sendo maltratado, disse que todos estão sendo bem alimentados

e recebendo água. Além de Davi continuam presos os caciques Bonifácio Martins, Ivo Martins, Neres Cabreira e Garcia de Oliveira.

## ASSASSINATO

Na Aldeia Pedra D'Água, em Pernambuco, três mil pessoas acompanharam o enterro do corpo do cacique Francisco de Assis Araújo, o Chicão Xucuru, executado terça-feira em frente à casa de sua irmã, em Pesqueira, a 216 km do Recife. A família de Chicão esperou três dias para enterrá-lo porque três filhos dele moram em São Paulo.

Chicão foi assassinado com seis tiros — na nuca, cabeça, costas e barriga — quando estacionava um jipe da Funai em frente à casa da irmã. Apesar de sua luta pela terra e das ameaças sofridas, a polícia não descartou a hipótese de crime passionai.

O cacique integrava a comissão coordenadora da Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo. Mais de seis mil índios xucurus vivem numa reserva de 27.555 hectares na serra do Ororubá, em Pesqueira, também ocupada por posseiros que Chicão lutava para expulsar.